



A atuação do Lighting Designer dentro de um Laboratório universitário de iluminação: uma entrevista com Valmir Perez

Entrevista com Valmir Perez concedida
a Camila Barbosa Tiago e Ivo Godois

Para citar este artigo:

PEREZ, Valmir. A atuação do Lighting Designer dentro de um Laboratório universitário de iluminação: uma entrevista com Valmir Perez. Entrevista com Valmir Perez concedida a Camila Barbosa Tiago e Ivo Godois. *A Luz em Cena*, Florianópolis, v.1, n.3, jul. 2022.

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/27644669010320220801>



A atuação do Lighting Designer dentro de um Laboratório universitário de iluminação: uma entrevista com Valmir Perez ¹

Entrevista com Valmir Perez concedida
a Camila Barbosa Tiago² e Ivo Godois³

Resumo⁴

Nesta entrevista, Valmir Perez relata como foi o início de sua carreira na área de iluminação, narra sua trajetória de mais de 30 anos de experiência e fala sobre sua atuação como lighting designer responsável pelo Laboratório de Iluminação da Unicamp. O artista reflete sobre o entendimento da atuação do profissional da iluminação cênica dentro da universidade, no desenvolvimento dos laboratórios universitários de iluminação e na colaboração para a formação artística dos/as discentes dos cursos de Teatro e Dança. Além disso, Valmir Perez conversa sobre o desejo de normatizar a documentação das criações de iluminação de palco do Brasil.

Palavras-chave: Lighting Designer. Laboratório de iluminação. Iluminação de palco. Pesquisa. Processos de aprendizagem.

The Lighting Designer in a University Laboratory: an interview with Valmir Perez

Abstract

In this interview, Valmir Perez talks about how he began his career in Lighting and what happened in his professional trajectory of more than 30 years of experience. He also talks about his work as the lighting designer responsible for Unicamp's Lighting Laboratory. The artist reflects on the importance of the scenic lighting professional within the university, regarding the development of university lighting laboratories and the support to the formation of Theater and Dance

¹ Entrevista concedida por Valmir Perez, Light Designer brasileiro, em 22/02/2022 com finalidade de publicação do relato na revista A LUZ EM CENA v.1 n.3. Coordenação da entrevista e registro em vídeo do UNILUZ – Núcleo Pesquisa-Ação. Transcrição e submissão para publicação feita por Camila Barbosa Tiago e Ivo Godois.

² Mestre em Artes Cênicas com pesquisa sobre iluminação pelo PPGArC da UFRN (2017). Especialista em Iluminação e Design de Interiores pelo IPOG (2015). Graduada em Teatro pela UFU (2010). De 2010 até hoje ocupa o cargo de Diretora de Iluminação do curso de Teatro do IARTE da UFU. Atualmente compõe a Falsa Cia. de Teatro como atriz e iluminadora; é coordenadora do canal “da ideia à luz” no YouTube, junto com o iluminador Marcelo Augusto; e compõe o conselho e a equipe editorial da revista “A luz em cena” que está vinculada ao CEART e PPGAC da UDESC.

✉ camilabtiago@gmail.com | 🌐 <http://lattes.cnpq.br/4455456771572675> | 🆔 <http://orcid.org/0000-0003-0596-6958>

³ Doutorando em Teatro - Iluminação cênica, no Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis (2019 +). Mestrado em Teatro - História da Iluminação Cênica catarinense no PPGT – UDESC, Florianópolis (2011). Graduação em Artes Cênicas na UDESC, Florianópolis (2003). Fundador, Editor e Conselheiro da Revista on-line A Luz em Cena. Organizador do Evento A Luz em Cena (10 edições). Coordenador técnico do LUZ Laboratório de iluminação no DAC – UDESC. Tem experiência com a coordenação técnica de eventos e criação de luz nas áreas de teatro e dança.

✉ ivogodo@gmail.com | 🌐 <http://lattes.cnpq.br/5746250667938608> | 🆔 <https://orcid.org/0000-0002-6098-2267>

⁴ Revisão do artigo feita por Larissa Satiko Ribeiro Higa.



undergraduate students. In addition, Valmir Perez express his desire to standardize the documentation of stage lighting creations in Brazil.

Keywords: Lighting Designer. Lighting laboratory. Stage lighting. Search. Learning processes.

La actuación del Lighting Designer dentro de un laboratorio de iluminación universitario: una entrevista con Valmir Pérez

Resumen

En esta entrevista, Valmir Pérez cuenta cómo fue el inicio de su carrera en el campo de la iluminación, narra su trayectoria de más de 30 años de experiencia y habla de su trabajo como Diseñador de Iluminación responsable del Laboratorio de Iluminación de la Unicamp. Reflexiona sobre la comprensión del desempeño del profesional de iluminación escénica dentro de la universidad, el desarrollo de los laboratorios universitarios de iluminación y cómo estos colaboran con la formación artística de los estudiantes de las carreras de Teatro y Danza. Además, habla del deseo de estandarizar la documentación de las creaciones de iluminación escénica en Brasil.

Palabras clave: Diseñador de iluminación. Laboratorio de iluminación. Iluminación de escenario. Búsqueda. Procesos de aprendizaje.



Figura 1 - Valmir Perez



Fonte: acervo pessoal de Valmir Perez

Ivo Godois – Valmir, muito obrigado pela sua participação e pela sua colaboração.

Valmir Perez - Parabéns pelo trabalho que vocês vêm desenvolvendo, de trazer à tona o conhecimento, as ideias, a história da iluminação de palco no Brasil.

Camila Tiago - Valmir, muito obrigada mesmo por mais uma vez estar com a gente. Começo perguntando: como foi o seu início dentro dessa área de iluminação teatral?



Valmir Perez - Eu comecei na década de 1980 como aluno dos cursos de extensão de teatro na Unicamp. Ainda não existia um curso de graduação em teatro, que se iniciaria em 1987. Nos anos de 1982, 1983, e acho que até 1984, participei de cursos de formação ligados à extensão. Não eram cursos de formação, mas eram ministrados pelos mesmos professores que depois montaram a graduação. Eram cursos livres. Eu fiz de atuação e de direção. Nesse contexto, fiquei amigo do pessoal e fui conhecendo as pessoas. A gente saiu da Unicamp com um grupo, o Grupo de Teatro Nó na Garganta, e começamos a montar espetáculos. E montamos um espaço em Campinas chamado Bar Teatro. Era uma proposta totalmente nova, um bar diferenciado, onde os garçons que serviam eram personagens que mudavam todas as semanas. Nós tínhamos palco, tínhamos iluminação, inclusive papai me ajudou a fazer toda a estrutura de iluminação. Então fizemos projetos culturais em Campinas, lançamento de discos no bar e fomos agregando conhecimento e experiência. Depois, com os golpes econômicos – eu brinco dizendo que a gente não tem plano econômico no Brasil, a gente tem golpe econômico –, a gente quebrou e cada um foi para um lado.

Os professores da Unicamp já me conheciam e sabiam que eu poderia ajudá-los com iluminação, porque eu trabalhava com isso lá no Bar Teatro. Eu praticamente não sabia nada sobre iluminação, mas eu era o curioso. Eles me chamaram para trabalhar e fui contratado na Unicamp como iluminador. No Brasil, acham que o iluminador é aquela pessoa que sobe escada, opera mesa, que inclusive projeta iluminação. Então eles acham que você é um “faz tudo”. Eu também achava que era. Comecei realmente a trabalhar como freelancer para eles. Depois abriu uma vaga, teve um concurso, eu prestei, passei e fui contratado como iluminador. Isso foi em 1988. Então percebi que precisava começar realmente a aprender e fui em busca de materiais, alguns professores me ajudaram com isso, a gente não tinha material em português no Brasil, só em inglês. E fui aprendendo na experiência também com diretores, porque a Unicamp funcionava assim: no Departamento de Teatro, os alunos que estavam se formando montavam um grupo e contratavam professores de fora, já com carreira profissional consolidada, para dirigir seu espetáculo de formatura. Eu tive a oportunidade de conhecer muita gente boa e aprender muito com essas pessoas também, alguns inclusive depois foram contratados como professores no Instituto de Artes. Então figuras como Iacov Hillel, que é fantástico com iluminação, e Márcio Aurélio, me ensinaram muito de iluminação. Gradualmente também fui pesquisando, junto às



empresas da região, equipamentos, instrumentos, tecnologias, aprendendo muito com os técnicos nos teatros. E chegou o momento em que, com o advento da internet, ficou realmente muito mais fácil aprender aquilo que eu me propunha a fazer.

Em 1996 eu entrei como aluno do Instituto de Artes no curso de Artes Plásticas, me formei em 1999, depois fiz licenciatura, me formei em 2004, depois de 2004 a 2007 fiz o meu Mestrado em Multimeios, sobre Iluminação de Palco. E de lá para cá, comecei a ter um outro nível de entendimento. Não só das questões técnicas como das questões subjetivas dessa arte. Então esse foi o meu caminho dentro da Universidade até 2019, quando eu me aposentei.

Camila Tiago e Ivo Godois – Gostaríamos que você apontasse alguns espaços fora da Unicamp que auxiliaram você a complementar esse conhecimento no início. Você falou que teve alguns contatos com técnicos. Então a nossa pergunta é: onde você teve alguma experiência fora da universidade, como espaços culturais, teatros, equipe de profissionais, para complementar seu trabalho?

Valmir Perez - Por exemplo, quando os alunos se formavam, tinham festivais nacionais de teatro estudantil e eu ia com os alunos, às vezes ficávamos 15, 20 dias fora da Universidade. Tive contato com vários profissionais. E comecei também a receber convites para palestrar e para participar de eventos, simpósios e congressos. Depois, com a fundação e a criação da ABRIC, nós tivemos um meio de comunicação com os profissionais, troca de conhecimento, troca de materiais, que foi muito importante. Também fiz muitos cursos dentro da Universidade em áreas que, às vezes, parecem que não são áreas afins, mas são. Cursos de informática, por exemplo, fiz vários cursos de informática, porque a Unicamp tinha um programa de formação profissional dos servidores. Então fiz cursos na área de informática, cursos na área de arquitetura, por exemplo, fiz 2 cursos de *AutoCAD* na engenharia civil e na arquitetura, cursos de tratamento de imagens, curso de fotografia, e fiz muitos cursos legais, por exemplo, de planilha Excel. Inclusive comecei depois a trabalhar com o pessoal da informática do centro de computação da Unicamp auxiliando-os, porque no início da internet eles começaram com os projetos de educação a distância. Então, não só para o CCUEC (Centro de Computação da Unicamp), mas para outros departamentos e institutos na universidade, eu fiz projetos de infraestrutura para esses espaços, porque eu já tinha uma pequena experiência com desenho técnico. Antes de trabalhar na



Universidade, eu tinha feito um curso de petroquímica aqui em Campinas, um curso técnico de petroquímica muito legal. Aprendi bastante sobre laboratórios, como processar todo o conhecimento laboratorial adquirido no laboratório, como criar, por exemplo, documentação, relatórios, relatórios técnicos. Então parece que a vida vai te deixando “preparado” para as coisas e posteriormente, na Universidade, meu trabalho maior era realmente com projetos. Esse era meu trabalho: projetar, junto com alunos, professores e estagiários. Tive bastante estagiários de aprendizado, inclusive de outros cursos. Ministrei disciplinas de iluminação, de introdução à iluminação para várias pessoas de vários cursos da Universidade, desde a área médica até a física. E comecei a projetar infraestrutura, tendo oportunidade de desenvolver projetos para espaços não só dentro das Universidades, mas também, por exemplo, para o Teatro Castro Mendes, aqui em Campinas, projeto que depois foi realizado pela Telem. Fui aprendendo porque também fui me especializando. Fiz duas especializações, uma em iluminação e design de interiores e outra em master em arquitetura e iluminação.

Figuras 2 e 3: espetáculo de Dança - Unicamp 2013



Fonte: acervo pessoal de Valmir Perez - fotógrafa Andréa Mello



**A atuação do Lighting Designer dentro de um Laboratório
universitário de iluminação: uma entrevista com Valmir Perez**
Entrevista com Valmir Perez concedida a Camila Barbosa Tiago e Ivo Godois

Figuras 4, 5 e 6: espetáculo de Dança - Unicamp 2013



Fonte: acervo pessoal de Valmir Perez - fotógrafa Andréa Mello



Valmir, você falou que, no começo, não tinha a compreensão do que era o trabalho do iluminador dentro da Universidade e foi fazendo tudo. Como foi esse entendimento entre fazer tudo e chegar no final da sua trajetória dentro da academia trabalhando como projetista?

Quando você vai crescendo profissionalmente, vai entendendo que dentro de qualquer atividade profissional as funções são bem específicas. Não é porque você se forma em engenharia civil que precisa colocar o tijolo na parede. Então, são atividades completamente diferentes, a atividade do arquiteto é diferente, inclusive hoje, do engenheiro civil cuja função é mais de cálculos, de compreensão de materiais, processos de materiais, processos de construção.

Chegou um momento da minha carreira profissional em que comecei a simplesmente perceber que projetar iluminação não é pensar a iluminação apenas no sentido, por exemplo, estético e técnico, mas é transformar isso em documentações que vão auxiliar aqueles que vão executar, é como o trabalho do arquiteto e do engenheiro, você tem que entregar a documentação para que aquilo seja reproduzido satisfatoriamente. No caso da iluminação de palco, em que você tem, inclusive, infraestruturas diferentes de acordo com o espaço onde você está, você precisa de uma reanálise daquele material e, talvez sim ou talvez não, você não esteja presente no momento daquela montagem, da execução daquela ideia. Então as documentações têm que ser muito bem-feitas para que haja um entendimento por parte dos executores. Essa questão fica bem clara quando você olha para documentação que existe nos SATEDs (Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões) em que se tem o iluminador e o eletricitista iluminador, com as carreiras muito bem definidas. Embora a gente saiba que na “vida real” não funciona assim, dentro da Universidade funcionou, porque foi feito um projeto de carreira profissional da Universidade e eu já tinha comprovação, não só com formação, para poder galgar aquilo que eu já fazia, que era projetar. Depois houve a contratação de um profissional para execução, porque isso tem que ficar muito bem claro, você não pode ser contratado pra fazer cinco atividades ao mesmo tempo, isso é um perigo inclusive para a própria instituição, porque se você é contratado como iluminador, não pode subir uma escada, porque se você subir e cair dela, você não está protegido, porque você não poderia estar em cima da escada, você é iluminador, não um eletricitista iluminador. Então a gente tem que tomar um cuidado muito grande com isso. Isso foi apresentado pela Universidade, porque eu, sinceramente, já tinha



recebido propostas para trabalhar em outros locais na Universidade, inclusive em outros institutos, em outras áreas, até mesmo na medicina. Mas, com o plano de carreira, eu fiquei um pouco mais tranquilo e decidi desenvolver o trabalho, realmente necessário, que é contribuir para as disciplinas do curso de formação teatral, para que atores e atrizes em formação pudessem compreender as questões vibracionais da iluminação em cena e as questões processuais.

Eu queria fazer uma pergunta exatamente por aí, porque para gente você é uma referência que tem o processo de criação de um espaço, de um laboratório de iluminação dentro da Universidade. Então nós, eu, Camila principalmente, que estamos no laboratório, entendemos que a Universidade olha para o técnico do teatro e contrata esse profissional para montar. Mas você começa a trazer a perspectiva do ensino, você cria conteúdo para repassar para o acadêmico. É esse olhar do profissional pedagógico pelo qual eu, Camila e mais alguns colegas batalhamos muito. Mas a Universidade ainda não nos reconhece como profissionais pedagógicos. Então, para gente seria importante que você pontuasse um pouco mais essa questão do princípio do laboratório e esses processos de conteúdo para repassar.

Exatamente, porque dentro de um departamento de teatro, não demorou muito para eu perceber que o ensino da profissão das artes cênicas sempre teve uma falha enorme. Entendi que a partir do momento que o teatro sai de uma arena, onde há uma iluminação natural, e vai para dentro de outro espaço, em que a iluminação é artificial, é preciso ter um controle principalmente sobre a luz, sobre o estado da iluminação, porque toda vibração é informação. O que existe na verdade é um grande desentendimento, por parte das pessoas que se dizem teóricos do teatro e teóricos da formação do ator, sobre essa questão básica: não se constrói teatro só com ator, aliás, pode até se construir com um ator sim: pode-se deixar o cara na esquina ali, ele faz um espetáculo fantástico. Mas a partir do momento que se coloca esse ator dentro de uma sala de espetáculo com uma iluminação artificial, já não é ele mais sozinho que faz o espetáculo, porque existem todas as informações que estão fazendo parte, que complementam essa arte. O Richard Wagner gostava de chamar o teatro de “a ópera de arte monumental”, porque ele abrange desde a arquitetura, tratamento de acústica, todos os níveis do conhecimento humano. Então existe uma dificuldade dessas pessoas de entender que para se



ter uma boa formação de alguém que vai ser diretor ou ator, é preciso que ele entenda que todas as coisas que estão em cena são importantes, não apenas a atuação dele, não apenas figurinos, cenografia, palco, iluminação: é tudo, tudo é um conjunto informativo. E gente inteligente não é gente que decora livro, gente inteligente constrói relações. Para ser inteligente, você constrói relações, pega uma coisa daqui, outra dali. Então como é que você pode ter uma boa formação profissional se você simplesmente nega a essa pessoa que está se formando a possibilidade de ela pensar nessas outras vibrações que estão no jogo cênico? Não é possível ter uma boa formação assim. Então meu pensamento era esse, era trazer para essas pessoas a ideia de que a iluminação, toda vibração é informação. Nós também somos seres vibracionais. Vai para física hoje, teoria M, todos os grandes laboratórios aceleradores de partículas sabem que não existe mais bolinha rodando em volta de bolinha, nós somos vibração, informação vibrando. Então tudo é vibração, inclusive as coisas que são expressas, quando eu me expesso, estou vibrando. A neurociência é muito interessante porque ela estuda realmente como você recebe essas vibrações e como as interpreta. Nós estamos sendo informados porque nos nossos receptores, nos nossos fotorreceptores, nos nossos receptores sonoros, físicos, biológicos, estamos recebendo vibração. Então se você souber realmente que tipo de vibração, que tipo de informação está sendo passada através da luz, da trilha sonora, e souber que isso é importante (o mais importante é saber que isso é importante), aí sim você tem uma boa formação. Hoje nós estamos formando arquitetos com neurociências, inclusive eu sou professor convidado no curso de pós-graduação do IPOG (Instituto de Pós-graduação e Graduação) no curso de neurociências aplicada à arquitetura. A gente sabe disso faz tempo, é preciso entender as informações do palco como vibração.

Então é isso. Agora, como você está trabalhando com curso profissionalizante, existem outras questões, por exemplo, um ator ou um diretor que quer também iluminar seu próprio espetáculo. Estou com algumas meninas e alguns meninos que me procuraram falando assim: “olha eu preciso documentar minha ideia, como é que eu faço para documentar essa ideia de iluminação para ser executada?” Eu tento passar para eles online, quando eles não conseguem, eu ajudo, faço um pequeno projeto para eles gratuitamente, não vou ficar cobrando isso. Mas a minha preocupação era assim: “você quer se profissionalizar? Você tem um espaço dentro do departamento, tem um laboratório de iluminação, tem um cara lá que ele pode ensinar para você



como fazer toda documentação?” Então comecei a fazer isso, comecei não só a ensinar isso, mas passar para eles conhecimento de softwares, por exemplo 3D Studio Max, em que você pode testar sua iluminação com fotometria perfeita e não precisa montar a iluminação para ver o efeito, o que contribuía para que eles pudessem fazer um levantamento de medição espacial, porque vai precisar disso um dia para saber se nesse espaço consigo colocar meu espetáculo. A construção de um cenário, como é seu desenho, o que é necessário eu esboçar para o cenógrafo, para o cenotécnico. Era um lugar onde as pessoas tinham a possibilidade de conhecer um pouco da iluminação profissional que se faz não só aqui no Brasil, mas principalmente lá fora, porque eu fui buscar lá fora esse conhecimento e trazer aqui para o Brasil. A minha ideia era de realmente trabalhar com formação profissional.

Valmir, e quando você fala do exterior, quais são suas referências?

Bibliografias e pesquisas, conversas com profissionais de outros lugares. Na maioria delas através de pesquisas em livros, não precisei ir lá fora porque tem livros muito bons na área que te dão uma noção da complexidade de um projeto de iluminação de palco e te dão todas as informações necessárias para você trazer para sua realidade. Não adianta a gente querer copiar lá fora também, porque lá fora a produção teatral é diferente, o dinheiro surge de uma maneira diferente. Então a gente tem que trazer essas informações para nossa realidade. Mas sempre pensando assim, nos Estados Unidos eles já inventaram isso há mais de 100 anos, já está padronizado, por que eu vou inventar a roda aqui? Pelo contrário, se eu passar a formação de projetos e desenhos técnicos nos moldes que já estão padronizados lá, posso fazer isso em qualquer lugar do mundo. Inclusive quando meu espetáculo for lá fora eles vão entender o que eu estou falando também.

Na sua experiência de ensino-aprendizagem você chegou a analisar essa metodologia? Porque você é um pioneiro nessa área. O que funcionou e o que não funcionou? Como foi a metodologia, como você foi descobrindo esse processo de repassar o conhecimento especialmente dentro da universidade?



Como qualquer outra área de conhecimento, criar uma metodologia é muito difícil. Mas não acho tão difícil perceber rapidamente o que não está funcionando. Aliás, vejo que é muito mais difícil as pessoas que têm uma visão muito autocentrada perceberem que o que elas estão fazendo não está funcionando. Eu nunca tive problema com isso, sempre me preocupei se as coisas tão funcionando ou não, nunca me preocupei se a minha imagem estava em jogo. Tanto que muitas vezes eu voltei atrás no que disse. Por exemplo, uma coisa que não funcionava: quando eu comecei a ajudar os alunos a fazerem simulação de iluminação para entender o que eles poderiam ou não utilizar em cena, o que funcionaria ou não, eu deixava os alunos do meu lado para eles acompanharem o processo de construção dos modelos e depois de colocação das luzes, queria que eles acompanhassem meu trabalho exatamente para entender o processo do software. Mas muitos não estavam interessados no software. Então chegou um momento em que eu não fiz mais, falei assim: “você quer me acompanhar? Você me acompanha. Se você não quiser não tem problema nenhum, só que me acompanhando você pode aprender uma coisa legal, inclusive para utilizar mais para frente.” Mas tem muito aluno que realmente não quer. E quem faz a Universidade é o aluno, porque se ele não quiser aprender você não ensina nada. Aliás, você não ensina nada para ninguém que não queira aprender. Isso também foi algo que aprendi, que foi incorporado à minha metodologia inclusive. Mas a metodologia foi tecida de acordo com as possibilidades do momento e com as possibilidades técnicas, possibilidades de tempo. É uma metodologia bastante simples, eu acho até um pouco socrática, acho que eu utilizo um pouco da maiêutica no meu processo de pedagogia. Porque a pessoa chega, senta-se com você e conversamos sobre a ideia da iluminação do espetáculo. Uma metodologia que eu uso, que serve para tudo, é perguntar “por quê?” E deixo a pessoa explicar, deve ter um motivo por que ela quer aquela determinada luz. “Ah, porque eu acho que tem que ser azul.” “Mas por que tem que ser azul? Explica para mim!” Porque você está se expressando e está querendo que todo mundo entenda alguma coisa, que sintam alguma coisa através da sua expressão utilizando uma linguagem que provavelmente você não conhece, que é linguagem visual, porque nós somos analfabetos visuais. A gente não aprendeu isso, e você simplesmente quer que todo mundo entenda aquilo que você tá falando, mas você não tá falando a língua correta, você tá usando uma língua que veio da sua cabeça, está escrevendo poesia com número. “Tudo bem, é possível, mas vamos fazer o seguinte, vamos sentar e pensar direito se isso realmente funciona.” Então,



eu indicava alguns textos, alguns livros e dizia: “você quer saber realmente como é que funciona o azul, a vibração do azul nessa cena? Procure fazer essas ligações: é uma cor fria com uma alta temperatura de cor.” E a pessoa não sabia nem o que era cor fria, nem o que era temperatura de cor. Então como é que você quer fazer poesia se você não sabe ler e escrever? Pode falar poesia, mas escrever poesia você não vai conseguir, escrever na cena você não vai conseguir. Então é um pouco disso, de chamar as pessoas para o entendimento. Eles acham que vão enganar todo mundo. Agora quando pega uma crítica de verdade, ou uma camada da sociedade um pouco mais culta, não vai funcionar. Pode funcionar entre eles, mas profissionalmente não vai funcionar. Eu converso, por exemplo, com arquitetos. Não sei se vocês repararam, mas agora só se faz casa quadrada, por quê? Porque fica mais barato, fica mais fácil de projetar, não é porque é legal. Como você vai tentar insistir para mim, assim, que o que você faz é arquitetura de primeira linha? Não é. Primeira linha é uma Zaha Hadid, ou uns caras que estão fazendo estruturas fantásticas, criando casas fantásticas, com propostas estéticas, de conforto ambiental. Então é isso, tem profissional e profissional. A minha proposta pedagógica era mais socrática mesmo, eu falava assim: “olha, para você fazer alguma coisa você tem que entender o que você está fazendo, não adianta chutar, eu não posso chutar. Ah não, põe aquele ferro ali que vai dar. Não! Tem cálculo para isso, entendeu? Não dá para chutar.” As pessoas têm muito a visão do cientista louco. Cientista é tudo louco, artista também. Já viram que a mídia trata cientistas e artistas como loucos? Mas não é bem assim que funciona, para criar uma obra de arte, você tem que ter um conhecimento da linguagem de como você atinge determinado público. É por isso que o Bertolt Brecht mudava o texto de um lugar para outro, de um espetáculo para o outro. Porque ele sabia que o texto não tinha funcionado na noite anterior, ele sabia onde ele tinha errado. É um cara que se preocupava com isso, tanto que se chama Teatro Didático. Então a gente tem que olhar para essa área (da didática), a minha proposta era essa.

Valmir, na sua proposta metodológica, como surgiu a ideia da criação do laboratório? Principalmente no formato digital? Quando eu comecei a procurar material de iluminação, encontrei justamente no site do laboratório.

Os cursos de que eu falei anteriormente eram de extensão, gratuitos, sempre foram. Eu ministrei depois cursos de extensão gratuitos pela universidade, você só pagava acho que cinco



reais para tirar o certificado. Os cursos de extensão foram criados exatamente para fazer com que a população que não tinha acesso à universidade tivesse, de alguma forma, acesso ao conhecimento. Então surgiu um grupo que começou a usar toda a estrutura da universidade para criar cursos de extensão pagos. Eles pegaram todas as estruturas da universidade – inclusive técnicas, ferramentais, físicas e humanas –, e começaram a montar cursos de extensão caríssimos, aos quais jamais a população teria acesso. Eu achei uma sacanagem muito grande isso. A função da universidade não é essa! Então pensei o seguinte: eu tenho uma ferramenta muito legal, eu sei trabalhar com HTML, e comecei a montar o site do laboratório⁵ de iluminação exatamente para atingir esse público, porque a proposta da universidade pública é facilitar o acesso ao conhecimento daqueles que a financiam. As pessoas não precisam pagar para receber conhecimento. Eu sempre estive aberto a responder e-mails das pessoas que estavam do outro lado do país. E muda também a cara da universidade. A universidade passa a cumprir um dos seus papéis, que é o de extensão, de levar às pessoas que não têm poder aquisitivo a ter acesso ao conhecimento gratuitamente. Gratuitamente não, porque eu estava sendo pago e porque elas estavam investindo nisso. Quando a gente fala gratuito não é gratuito não. Então, foi essa a ideia.

E na área da iluminação, Valmir, quais profissionais a quem você recorreu, com quem você fez contato? Quais pessoas contribuíram para seu processo?

Se eu for falar nomes, eu vou ter que falar de um monte de gente, então eu prefiro dizer que com algumas pessoas eu realmente construí uma amizade mais próxima. Um deles é o Eduardo Tudella, por exemplo; a Nadia Luciani, de Curitiba; vocês! Cada um me traz uma contribuição pessoal e profissional. E só acontece isso por quê? Porque somos pessoas interessadas e trabalhamos com arte. Então, dentro da arte você sempre vai buscar inspiração em tudo. Eu busco inspirações em tudo, na natureza, nas pinturas, nas esculturas, na música. Agora, tem profissionais com quem eu tenho mais contato, de vez em quando eu falo até com figuras como Jorginho de Carvalho, que é uma das pessoas que começou a iluminação no Brasil. Com pessoas que, inclusive, já “penduraram as chuteiras”, mas continuam sendo meus amigos e

⁵ O laboratório de iluminação da Unicamp fez um site para hospedar materiais bibliográficos sobre iluminação e desenvolveu o software LabLux, que foi o primeiro software para projetos de iluminação cênica genuinamente brasileiro. A ferramenta foi desenvolvida através de parceria entre o Laboratório de Iluminação e o CCUEC - Centro de Computação, ambos da Unicamp. Informações retiradas em <https://hosting.iar.unicamp.br/lab/luz/Copy%20of%20lablux/principal.htm>. Acessado em: 25/07/2022.



eu aprendi muita coisa com os técnicos de teatros que pude visitar aqui no Brasil. Uma das coisas que eu aprendi com eles e que eu tento colocar até hoje – às vezes a gente falha, porque a gente também é humano – é a humildade dessas pessoas, a humildade do conhecimento que eles têm, eles nem sabem o conhecimento que têm. Eles acham que sabem muito pouco, mas sabem às vezes muito mais que muito profissional da área que você conhece. Tem profissionais, técnicos mesmo, executores, eletricitas iluminadores, que trabalham há muitos anos e têm um conhecimento muito bacana. Eu tenho uma gratidão enorme por essas pessoas. E não foi só os iluminadores profissionais que me ajudaram. Alguns diretores, o Márcio Aurélio, por exemplo, é uma pessoa que dirigia ópera na Alemanha e espetáculos no Brasil e que me ensinou muito de iluminação, me trouxe muita ferramenta conceitual para pensar a iluminação. São vários estilos. Chiquinho Medeiros, trabalhei com ele também. Iacov Hillel. Trabalhei com um monte de gente.

Valmir, e quais foram as pessoas que “grudaram” em você e que hoje estão no mercado trabalhando com iluminação?

É todo mundo, como vocês, vocês não me largam! (risos) Estou brincando, gente. Tem alunos que fizeram estágio comigo no laboratório de iluminação da Unicamp que não são profissionais de iluminação hoje, mas trabalharam algum tempo com iluminação e conseguiram se manter como seres humanos: comer, pagar aluguel. Esse era meu intuito também. Alguns alunos que foram me procurar no laboratório e quiseram aprender não se arrependeram. Agora, acho que deve ter profissionais que conseguiram, de repente, aprender alguma coisa com aquilo que eu coloquei no site. Não posso dizer sobre pessoas que estão no mercado, porque não sei nem se tem mercado hoje mais, as coisas estão tão diferentes. Tem um rapaz de São Paulo, por exemplo, que me procurou, o Fábio, porque ele viu que eu fazia projetos em 3D, no 3D Studio Max, ele me procurou e falou assim: “Posso fazer estágio com você?” Eu respondi: “Pode”. Pedi para ele enviar uma carta para a diretoria pedindo autorização. Eu me encontrava com ele uma vez por semana e ensinei ele a trabalhar no 3D Studio Max, não fui eu que ensinei, foi ele que aprendeu. Hoje ele tem uma empresa em São Paulo que trabalha com projetos em 3D, como simulação de ambientes, para grandes arquitetos em São Paulo. Trabalha com 3D Max e com outros softwares. É por isso que eu falo: você não ensina ninguém, as pessoas aprendem por conta mesmo, elas correm atrás. Deve ter algumas pessoas com quem eu contribuí, não me



preocupo muito com isso.

Com certeza, nós nos colocamos nessa turma que “sugou” o máximo o que você compartilhou com a gente, principalmente o material que você disponibilizou no site. Você construiu um grande caminho de acessibilidade, nesse sistema de comunicação que é a internet, para os materiais na área de iluminação. Quando eu tento falar, escrever alguma coisa sobre laboratório de iluminação na universidade, eu encontro dificuldades de teorização. Então, eu gostaria de ouvir, a partir da sua experiência, dessa longa jornada, da importante influência que você tem no Brasil, o que é um laboratório de iluminação em um curso de Teatro? O que é essa ferramenta dentro do curso? Como ele pode ser? Como ele foi aproveitado até agora e como ele pode ser mais bem aproveitado?

Na minha opinião, se você está trabalhando em um laboratório de um curso de Teatro dentro de uma universidade, você já está fazendo pesquisa. O que você está pesquisando? Novas formas de expressão, novas formas de entendimento de como funciona a linguagem cênica, a linguagem do ator. Então, na minha visão, acho que um laboratório de iluminação dentro de uma faculdade de teatro deve se propor a conversar, a questionar, a subsidiar o entendimento do que é a linguagem da iluminação sobre o palco, sobre essa outra linguagem, que é a expressão cênica, a expressão do corpo, a expressão da fala, a expressão do olhar. Isso para mim seria a primeira e grande contribuição. Mas para isso tem que conversar de igual para igual. Porque se aqueles que estão envolvidos com essa formação profissional consideram que a iluminação, a sonoplastia, o figurino, a indumentária, o adereço, a cenografia são menores, eles não entendem a expressão cênica sobre o palco convencional. Acho que a primeira contribuição é essa, seria subsidiar esse entendimento através de novos processos, através do oferecimento de recursos humanos e técnicos para que as ideias e pesquisas possam ser realizadas. Em outro sentido, participar da formação do aluno, da formação profissional na área mais própria da linguagem da iluminação mesmo, das técnicas, dos processos, dos instrumentos, dos equipamentos, das soluções tecnológicas. Porque você só pode criar a partir do momento que você souber o que é possível naquele momento. Quantos filmes você vê, por exemplo, Star Wars foi interessante nesse caso. Esperaram a tecnologia avançar para poder lançar o filme, não tinha a tecnologia ainda. A gente também gostaria muito de fazer, de repente, determinados efeitos em cena, mas nós não temos



ainda um avanço no desenvolvimento das tecnologias dessas ferramentas. Acho que isso é um segundo fator muito interessante, que é passar esses conhecimentos para os alunos interessados. “Se você quiser nós podemos te dar um suporte técnico! Ah, você quer determinado efeito aqui? Então vem estudar com a gente. Olha, temos esse, que custa tanto”. Porque a gente está sempre tendo que lidar com o mundo real. E uma outra forma é dar essa possibilidade de formação desse profissional, dar a possibilidade de ele conhecer também as formas de criação e as formas de documentação dessa linguagem, que é a linguagem cênica da luz sobre o palco. Como funciona, quais as ferramentas que eu posso utilizar para fazer o desenho de uma planta, não é um mapa, é uma planta, ou de plantas técnicas, de documentação técnica? O que é necessário dentro da documentação técnica para que exista um entendimento? O que é a documentação? É um meio de comunicação entre quem criou e quem vai executar. Naquele meio você não tem só informações técnicas, mas informações subjetivas, é por isso que as documentações devem ser completas, para que quem executa tenha o entendimento inclusive da subjetividade daquilo que foi pensado. E participar ativamente dessa proposta de formação, é participar de forma efetiva mesmo, não de forma mascarada. Precisamos ter essas condições ferramentais, essas condições de recursos humanos e instrumentais para que possamos participar verdadeiramente dessa formação.

Valmir, vou fazer um relato: chegou uma professora no curso de dança da UFU e ela ia fazer a apresentação de um solo. Então ela entrou na minha sala, se apresentou como Cláudia Millás e falou: “a minha coreografia ainda está em processo de construção, mas eu gostaria do seu apoio para você me ajudar a pensar a luz. Eu já pensei algumas coisas”. E ela me mostrou um esboço de planta baixa, no papel mesmo. Quando eu vou para sala para assistir ao ensaio, eu percebo que ela, enquanto bailarina, tem uma consciência do seu corpo e da relação dele com o espaço e com a luz. Fui conversar com ela e ela me disse que fez graduação na Unicamp, foi sua orientanda em uma iniciação científica, que finalizou com um artigo belíssimo, que eu utilizo como bibliografia. Eu acho que quando ela me relatou a trajetória dela na graduação, que ela se formou e estagiou com você, eu entendi como é que a gente, dentro da Universidade, pode influenciar o trabalho do artista, não é?



Exatamente. Essa foi uma das alunas que realmente quis aprender, a Claudinha. São poucos, porque talvez a falta de interesse se deva à falta de conhecimento que eles têm de como são feitas essas ligações. Quando você compreende que as coisas estão todas interligadas, você começa a compreender como é importante. É por isso que eu falei da minha formação em petroquímica, em desenho técnico, tudo que você puder aprender é válido. Hoje eu leio de tudo, meus livros de cabeceira hoje são de neurociência, física, biologia. Assim você vai tecendo essas relações. Comecei já há um tempo, quando escrevi artigos para a revista *Lume Arquitetura*⁶. Foi aquela série “Luz e Arte”, depois “Luz e Linguagem visual”, depois “Luz e Psicologia”, porque está tudo interligado. E talvez é por isso que quando ela dança, agora, nesse momento, ela consiga se imaginar sendo iluminada e é aquilo que ela quer expressar com aquela luz e com aquele corpo, com aqueles movimentos. Então acho que é um exemplo muito legal esse, eu fico feliz, é um exemplo muito bacana que faz a diferença mesmo, até no momento de conversar e saber a importância de estar conversando com um profissional da área de iluminação. De ter a humildade de falar assim: “Olha, estou precisando da sua ajuda aqui”, não é?

Queremos saber algumas curiosidades, fatos peculiares que aconteceram, coisas inusitadas ao longo da sua experiência como orientador.

Não sei, não tenho muitas coisas inusitadas. Na área teatral é tudo praticamente inusitado. Todo dia é uma diversão, para mim foi bastante tempo uma diversão. As coisas que aconteceram durante os espetáculos, não é? Eu sempre tive muito cuidado de prestar atenção na segurança das pessoas. Então não aconteceu muita coisa inusitada, porque também colocava um controle sobre tudo. Mas eu lembro que uma vez pediram para eu fazer a montagem de uma iluminação no pátio externo e era uma época como agora, dezembro, janeiro, que chovia muito. Eu pensei assim: “Olha, não vai ser possível, porque nós não temos instrumentos, equipamentos à prova d'água, nosso cabeamento também não é à prova d'água e a gente não pode fazer isso”. Isso era uma sexta-feira e eu saí à tarde do laboratório. O espetáculo ia acontecer sábado e domingo. Eles pegaram os instrumentos sem autorização de ninguém, fizeram uma montagem meio chula de

⁶ A Revista *Lume Arquitetura* é uma publicação bimestral da Lume Editora e Comunicação, especializada em iluminação da arquitetura e do espaço urbano, que promove a divulgação da atividade de projetos luminotécnicos e a criação, desenvolvimento e fabricação de produtos em iluminação, bem como pesquisas na área. <https://www.lumearquitetura.com.br>. Acessado em 25/07/2022.



iluminação. Deu aquela tempestade e a sorte deles e do público que estava ali – com os pés todos molhados, com aqueles cabos passando por dentro das poças d’água –, é que acabou a eletricidade no campus. Porque se não poderia ter acontecido uma coisa inusitada (risos). Mas isso é coisa de gente jovem. Eles não conhecem muito a noção do perigo.

Analisando sua trajetória profissional na área da iluminação, o que você acha que a gente conseguiu ganhar, avançar, enquanto conhecimento e desenvolvimento profissional, e o que você acha que precisa melhorar, quando se fala “vou me profissionalizar como uma iluminadora cênica”?

Eu acho que a gente ganhou bastante com essas novas tecnologias, a ponto de a gente estar aqui agora conversando e de vocês estarem fazendo esse trabalho maravilhoso, que é o levantamento histórico das coisas que aconteceram. Tem o canal no YouTube “da ideia à luz⁷”, de que eu gosto muito, acho fantástico o trabalho que vocês fazem. Isso é uma coisa extremamente positiva.

Quanto ao que está faltando, eu diria exatamente o que eu disse agora há pouco: está faltando os profissionais da iluminação começarem a estudar outras áreas de conhecimento para tecerem relações e começarem a buscar como se constroem as documentações corretamente. Eu estou tentando, dentro da SBLuz⁸, montar um manual, que vai ser gratuito, para projetos de iluminação de palco, a partir das normas da arquitetura. São as normas de “folhas de desenho, layout e dimensões” e “representação de projetos de arquitetura”. Porque se a gente conseguir fazer esse trabalho com as normas da arquitetura no Brasil, nós não vamos ter problema nenhum, inclusive para trabalhar em conjunto com os arquitetos. Muitos iluminadores cênicos hoje também estão indo para o espaço construído, eu acho que pode ser um ganho bacana para nossa profissão, os arquitetos gostam muito do nosso trabalho. Eles não são formados para entender que a iluminação é expressão, então acho que pode ser bastante interessante para nossa profissão. Em resumo, é estudar outras áreas também. Eu falava para os meninos e

⁷ Criado em 2021, o “da ideia à luz” é um canal no YouTube que proporciona um espaço de compartilhamento de ideias sobre os fazeres artísticos das Artes Cênicas. Ele surgiu do desejo de conhecer os processos de criação e as pesquisas dos profissionais da iluminação cênica de todo o território nacional e de democratizar/divulgar o conhecimento das Artes. <https://www.youtube.com/daideiaaluz>. Acessado em 25/07/2022.

⁸ SBLuz é a Sociedade Brasileira de Luz e Iluminação. <https://sbluz.org/>. Acessado em 25/07/2022.



meninas do teatro assim: “Para de ler teatro, para de fazer disciplina só aqui, vai fazer uma disciplina no curso de Física, vai fazer uma disciplina no curso de Biologia! Você vai falar sobre o que no Teatro? Sobre teatro? Você vai falar sobre outros assuntos. Se você vai falar só sobre Teatro vai ser uma chatice. Vai fazer um curso em qualquer outro lugar, vai ter outras experiências, conhecer gente diferente”. Porque se não, sua mente fica fechada, vira uma visão com cabresto. Você tem que expandir a sua forma de reconhecer o mundo. Imagina se eu ficar falando só de iluminação, acho um saco isso, eu gosto de falar sobre tudo, falar sobre ciência, sobre medicina, sobre física, sobre biologia, sobre poesia, sobre a grama do meu quintal, que eu preciso cortar, sobre passarinho. A vida é assim, você não faz a mesma coisa todo dia, toda hora. Se você fizer isso você está morto, matou seu espírito já. Tem que fazer coisas diferentes. Acho que os profissionais de iluminação, se fizerem isso, vão dar um arranque legal. Vou falar uma coisa humildemente: a revista *Lume Arquitetura* não cansa de me procurar para escrever artigos novamente para ela. E o Erlei, que é um amigo meu, fala assim: “Olha, você passou por lá, mas depois de você é sempre a mesma coisa, as pessoas só falam a mesma coisa”. Quando se faz, por exemplo, congresso de iluminação cênica se fala a mesma coisa, o equipamento tal, negócio tal. Vamos conversar sobre iluminação cênica dentro da área hospitalar? Na pediatria, por exemplo, olha que legal. Como a gente pode contribuir? Na Biologia, o movimento da luz acompanhando o movimento solar para que as plantas que são criadas em cativeiro possam ter essa noção que o sol está mudando. Tem tanta coisa para você pesquisar e a pessoa só fica pesquisando a mesma coisa. A gente tem um mundo aberto, um caminho aberto.

Muito grato por todo esse trabalho que você construiu para a gente. Nós estamos tentando aqui, Camila e eu, que somos outra geração, seguir o seu exemplo, construindo novos exemplos a partir do seu. Então, muito grato pela sua colaboração e pela sua generosidade, Valmir.

Eu agradeço vocês, porque a minha passagem pela Universidade terminou. Ela teve começo, meio e fim, acho legal. Conversei esses dias com uma bióloga chamada Yoko, que passeia aqui no parque comigo e com minha esposa Márcia. A dona Yoko era bióloga da genética molecular na Unicamp, ela falou assim: “O pessoal da Unicamp tem até um projeto no Cecom (Centro de Saúde da Comunidade) para quem vai se aposentar, porque tem gente que entra em



depressão.” Eu não entrei em depressão, tenho tanta coisa legal para fazer na vida.

Valmir, é isso! Nós só temos a agradecer. Eu agradeço muito em nome da Revista A Luz em Cena por você sempre nos responder prontamente e pela disponibilidade. Não podemos deixar de reforçar sua importância para nós. Na trajetória dentro da universidade, o pensamento sobre Laboratório Universitário começa com você. Então, como disse o Ivo, nossa geração olha para trás e vê todo seu trabalho na universidade e tenta construir novos caminhos, dando continuidade ao que você já fez. Nós agradecemos por você existir profissionalmente dentro da universidade e fora dela. A sua importância para nós é imensurável! Muito obrigada.

Vocês já estão construindo, vocês têm ferramentas diferenciadas hoje. Já estão construindo, inclusive, muito mais que eu. Isso que é muito legal, a gente trabalha com o que a gente tem no momento. Agora, para construir precisa querer compartilhar o conhecimento. Esse sentido que vocês dão ao conhecimento, de compartilhá-lo, é o sentido que eu priorizei também, na época. Conhecimento não é uma coisa restrita. É igual ao sangue, tem que circular. É igual ao dinheiro, que tem que circular. Se ficar na mão de meia dúzia, fica gangrenado. Então começa a criar a pobreza, a criar tudo que é ruim. O conhecimento “gangrenado” também é um problema sério. Ele pode criar alguns nichos de pessoas que detém esse “poder” de conhecimento e a gente não pode deixar isso acontecer. Mas é isso, eu que agradeço a conversa.

Recebido em: 30/03/2022
Aprovado em: 29/07/2022